

# OLISIPO



BOLETIM DO GRUPO  
"AMIGOS DE LISBOA"

II SÉRIE - Nº 5 - DEZEMBRO 1997

Escolas de Lisboa .....	109
<i>Coordenação de Maria José Guerreiro Duarte</i>	
Arquivo Pitoresco .....	115
<b>Introdução</b>	
<b>Igreja da Conceição Nova</b>	
<i>Francisco Santana</i>	
<b>As Torres da Igreja do Carmo</b>	
<i>F. E. Rodrigues Ferreira</i>	
Feira da Ladra .....	119
<i>Coordenação de Francisco Santana</i>	
<b>Pina Manique e o Abastecimento de Água a Lisboa</b>	
<b>A Realista do Passeio</b>	
<b>Lisboa vista por João Chagas</b>	
Noticiário .....	123
Errata .....	127

#### **FICHA TÉCNICA**

##### **TÍTULO:**

OLISIPO, II série, n.º 5  
 Boletim do Grupo Amigos de Lisboa  
 Palácio da Mitra – Rua do Açúcar – 1900 Lisboa

##### **DIRECTOR**

Francisco Santana

##### **DIRECTOR-ADJUNTO**

Eduardo Sucena

##### **TIRAGEM**

2.500 ex.

##### **PERIODICIDADE**

Semestral (Dezembro e Junho)

##### **ANO**

1997 (Dezembro)

##### **DEPÓSITO LEGAL**

n.º 91289/95  
 ISSN: 0873-609x

##### **FOTOCOMPOSIÇÃO:**

CODICOMP - Fotocomposição, Lda.

##### **MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO:**

Ramos, Afonso & Moita, Lda. – Lisboa

##### **CAPA:**

Recanto de Lisboa, do pintor Vale; FOTO de Paulo de Jesus

# CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DE LISBOA: OS MATERIAIS DA PRAÇA DA FIGUEIRA

João Luís Cardoso\* e Júlio Roque Carreira

## 1 – INTRODUÇÃO

Os materiais agora estudados foram isolados de numeroso e importante conjunto do Período Romano, depositado no Museu da Cidade de Lisboa e oriundo das escavações realizadas no início da década de 1960 na zona da Praça da Figueira, coordenadas por F. Bandeira Ferreira, com a participação de J. J. Fernandes Gomes e de G. Miguiéis Andrade.

Trata-se de pequeno conjunto de fragmentos cerâmicos, os quais, por constituírem os primeiros vestígios pré-históricos identificados no casco urbano da cidade, justificaram o presente estudo.

Agradece-se à Direcção do Museu da Cidade as facilidades concedidas a um de nós (J. R. C.), tanto no acesso aos materiais, como na consulta de extracto do Relatório das escavações, cujo original foi apresentado por FERREIRA (1962) à Junta Nacional da Educação, permanecendo inédito.

## 2 – INVENTÁRIO

O espólio reparte-se por duas épocas distintas.

Calcolítico – campaniforme:

1 – Fragmento de vaso campaniforme internacional, de perfil suave, com decoração de bandas horizontais que ocupam

toda a superfície do vaso, preenchidas interiormente por linhas oblíquas. Pasta fina a média, de coloração cinzento-amarelada (Fig. 1, n.º 1);

2 – Fragmento de caçoila de ombro, correspondente à parte superior da pança, conservando o arranque do ombro, marcado por ressaltos. Possui decoração a ponteados, desenvolvendo-se em linhas horizontais, alternantes com outras, em zigue-zague. Pasta fina a média, de coloração cinzenta a acastanhada (Fig. 1, n.º 2).

3 – Fragmento erodido, com decoração a ponteados (apenas parcialmente visível), provavelmente pertencente a caçoila de grandes dimensões. Pasta média a grosseira, de coloração predominantemente anegrada (Fig. 1, n.º 3).

## IDADE DO BRONZE

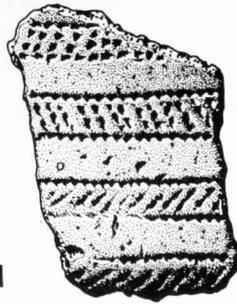
4 – Porção de bordo pertencente provavelmente a grande taça carenada (carena não visível) ou, em alternativa, a colo de vaso de bojo levemente estrangulado. Pasta média, com acabamento superficial cuidado, com vestígios de brunimento, de coloração predominantemente anegrada (Fig. 1, n.º 4).

5 – Fragmento de grande vaso de paredes verticais, munido de pega alongada, disposta horizontalmente. A superfície do fragmento, na zona acima da pega, possui algumas estrias sub-paralelas que sugerem decoração “a

\* Da Academia Portuguesa da História. Professor da Universidade Nova de Lisboa.



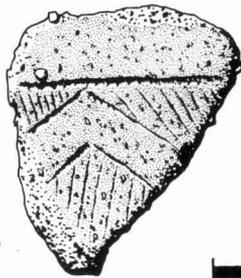
1



2



3



4

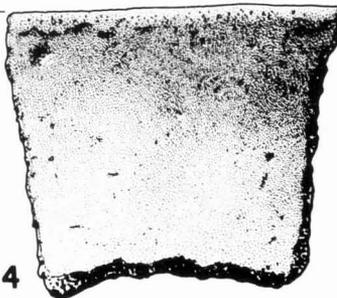


Fig. 1 – Cerâmicas pré-históricas da Praça da Figueira (Lisboa)

cepillo". Pasta grosseira, de textura áspera à superfície, de coloração predominantemente anegrada (Fig. 2, n.º 1).

6 – Fragmento de grande taça de carena pouco marcada, pontuada de suaves aplicações plásticas, de morfologia irregular e organização de difícil interpretação, em parte devido às dimensões diminutas do fragmento. Pasta fina, de coloração predominantemente cinzento-amarelada (Fig. 2, n.º 2).

### 3 – CONDIÇÕES DE JAZIDA

São escassas as informações disponíveis acerca das condições em que os materiais foram encontrados no terreno. Extractos do relatório de FERREIRA (1962), referem o aparecimento, em passagem de areia grosseira, aparentemente intercalada entre areias finas avermelhadas e argilas lodosas, na parte inferior, de cerâmicas lisas de aspecto pré-histórico. Tais observações foram realizadas na zona da sondagem A. S. 3. e à cota aproximada de -0,54 abaixo das vigas de fundação do túnel (desconhece-se o local exacto, devido à falta de elementos gráficos). Tais cerâmicas jaziam de mistura com numerosos fósseis de moluscos miocénicos, ossos de mamíferos fortemente patinados e muitas conchas. Tanto as areias finas que cobriam a referida passagem mais grosseira, como as argilas, a ela subjacentes, apresentavam-se arqueologicamente estéreis, ou quase. A ocorrência esporádica de materiais, provavelmente romanos, no seio destas últimas, conduz a admitir a hipóteses de os materiais pré-históricos agora estudados resultarem de processo deposicional recente. Porém, quaisquer conclusões a tal respeito são inviáveis, até por não haver garantias, por um lado, de as cerâmicas referidas no relatório serem efectivamente pré-históricas e, por outro, de corresponderem às agora estudadas, onde ocorrem exemplares profusamente decorados, que não são

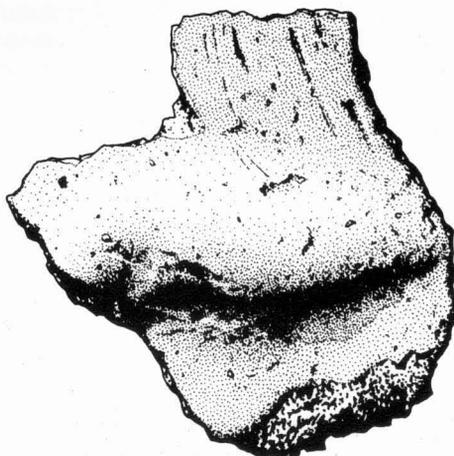
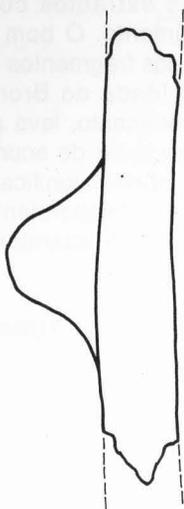
referidos nos extractos consultados daquele documento. O bom estado de conservação dos fragmentos – especialmente os da Idade do Bronze – desprovidos de rolamento, leva a preferir a hipótese de se tratar de acumulação "in situ", sem transporte significativo ulterior ao abandono, correspondente portanto à zona onde foram abandonadas pelo homem pré-histórico.

### 4 – INTEGRAÇÃO CULTURAL E CONCLUSÕES

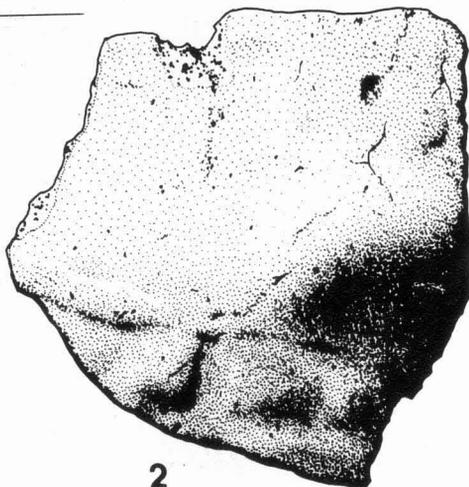
O pequeno conjunto campaniforme dado agora a conhecer encontra-se exclusivamente representado por cerâmicas decoradas a ponteadado; avulta o fragmento de vaso internacional, tradicionalmente considerado como o representante da fase mais antiga daquelas cerâmicas. A relativa antiguidade deste pequeno conjunto, no contexto campaniforme, é sugerida, com efeito, pela ausência de decorações incisas, ainda que a amostra não seja representativa, devido à sua diminuta expressão numérica.

A técnica incisa é largamente predominante na vizinha estação campaniforme de Montes Claros (HARRISON, 1977, Fig. 47-54), sendo mesmo exclusiva no pequeno "habitat" do Monte do Castelo, Oeiras (CARDOSO *et al.*, 1996), bem como no igualmente pequeno "habitat" litoral, de provável expressão sazonal, de Vale Vistoso, Sines (SOARES & SILVA, Fig. 5 e 6). Os onze fragmentos campaniformes aqui recolhidos documentam a ocorrência mais meridional até ao presente identificada deste tipo de cerâmicas em Portugal. Outra hipótese faz apelo a incidências geográficas, para a explicação diferenciada da distribuição dos diversos tipos destas cerâmicas. Com efeito, é sabida a quase exclusividade da técnica a ponteadado nas cerâmicas campaniformes na região norte do País. Na região da Baixa Estremadura, as diferenciações de ordem geográfica são, igualmente, sugestivas: enquanto

...cerâmicas  
...com estado de  
...maneira - especial  
...de forma - das  
...para a parte a  
...cerâmicas  
...cerâmicas



1



2



Fig. 2 - Cerâmicas pré-históricas da Praça da Figueira (Lisboa)

que, nas estações de carácter habitacional da região do Sado, predomina largamente a técnica a ponteados, nos "habitats" a norte do Tejo esta técnica apresenta-se menos representada, comparativamente à incisa.

Seja como for, a curta "vida útil" destes pequenos "habitats", que, na maioria dos casos não chegavam a ser verdadeiros povoados, poderá explicar a homogeneidade das associações cerâmicas campaniformes, que, neste caso, podem assumir expressão cultural, mais do que cronológica.

Admite-se que a presença de cerâmicas campaniformes na Estremadura se possa situar entre ca 2800 e 2300 anos cal AC. O seu momento mais antigo tem paralelos em outras ocorrências peninsulares e extra-peninsulares (GUILAINE, 1974, 1984; HARRISON, 1988). O final desta presença é, na referida região, anterior ao último quartel do III Milénio AC (CARDOSO & SOARES, 1990/1992). Esta conclusão é corroborada pela data de ICEN - 843 - 3570 ± 45 BP, obtida sobre ossos do povoado do Bronze Pleno do Catujal, Loures (CARDOSO & CARREIRA, 1992; CARDOSO, 1994) a qual, para um intervalo de 2 sigma, correspondente a 95% de probabilidade, se situa entre 2028-1753 cal AC.

No povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras, comprovou-se a coexistência, em uma unidade arquitectónica, de ambas as técnicas decorativas referidas, aplicadas a diversos tipos de recipientes, a exemplo do verificado em outros povoados estremenhos (CARREIRA, 1995, p. 19; CARDOSO & CARREIRA, 1996). Tais factos não contradizem, porém, a possibilidade de atribuição de maior modernidade às cerâmicas campaniformes incisadas, pois é admissível a coexistência, em determinado momento, de diversas tradições técnicas e decorativas.

O pequeno conjunto mais moderno, da Praça da Figueira, revela-se igualmente coerente, sugerindo fase tardia ou final da Idade do Bronze. As três formas identificadas são características, encon-

trando-se bem documentadas no perímetro de Lisboa, no povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1980/1981; 1986) onde, porém, não se recolheram decorações peculiares como a do fragmento da Fig. 2, n.º 2 nem, tão pouco, decorações segundo a técnica do "cepillo".

O conjunto ora dado a conhecer documenta, pois, dois momentos da ocupação pré-histórica do casco citadino, por comunidades que ali encontrariam condições de subsistência propícias, baseadas na recolocção de moluscos, talvez durante uma determinada época do ano, por certo muito abundantes no braço estuarino ali existente até à Baixa Idade Média.

#### BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. (1994) - Do Paleolítico ao Romano. Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984 - 1993. **AI - Madan**, S. II, 3, p. 59-74.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. **Méditerranée**, 2, p. 193-206.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) - Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. **Estudos arqueológicos de Oeiras**, 6, p. 317-340.

CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1990/92) - Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do sudoeste de Portugal. **O Arqueólogo Português**, S. IV, 8/10, p. 203-228.

CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) - Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. **Setúbal Arqueológica**, 6/7, p. 285-293.

CARDOSO, J. L. & RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) - A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. **Lisboa - Revista Municipal**, S. II, 15, p. 3-18.

CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J. R. (1996) - Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 6, p. 287-299.

CARREIRA, J. R. (1995) - O sítio campaniforme de Vale Comprido (Rio Maior, Santarém). **AI - Madan**, S. II, 4, p. 16-19.

FERREIRA, F. BANDEIRA (1962) - **Extractos do relatório das escavações realizadas na Praça da Figueira (Lisboa) apresentado à Junta Nacional da Educação.** Original consultado no Museu da Cidade. Inédito.

GUILAINE, J. (1974) - Les campaniformes pyrénéo-languedociens. Premiers résultats au C14. **Zephyrus**, 25, p. 107-120.

GUILAINE, J. (1984) - La Civilisation des gobelets campaniformes dans la France méridionale. In **L'Âge du Cuivre européen**. Paris, CNRS, p. 175-186.

HARRISON, R. J. (1977) - **The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal.** Harvard University Bulletin, 35. American School of Prehistoric Research. Cambridge, Massachusetts.

HARRISON, R. J. (1988) - Bell Beakers in Spain and Portugal: working with radiocarbon dates in the 3rd millenium BC. **Antiquity**, 62, p. 464-472.

SOARES, J. & SILVA, C. T. da (1976/77) - Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo - Sines). **Setúbal Arqueológica**, 2/3, p. 163-177.

